

al-makam

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#26 (tomo 2) Jul. 2023

UM VASO DA IDADE DO BRONZE



**Património Cultural
Subaquático em São Miguel,
Açores**

**Da Hispânia ao al-Andalus:
arabização, islamização e resistência
no meio rural**

**O Cão, o Guarda e a Fábrica:
ausências agenciais e ontologias
desconfortáveis**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Os Iconoclastas

José d'Encarnação [Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Palavra estranha, esta, iconoclasta! Vem de um termo grego: “*destruidor de ícones*”. Foi, primitivamente, um movimento do século VIII, na sequência da proibição da veneração de ícones imposta, em 730, pelo imperador Leão III. Não se veneram, destroem-se! – proclamavam os patriarcas João Gramático e António I de Constantinopla.

Essa vontade de destruição de algo que não nos agrada ou consideramos pernicioso acompanhou sempre o género humano. Quando, agora, querem derrubar estátuas, pensando que estão a inovar, a cometer inaudita façanha, esqueçam! Isso já vem de longe e bem continua – e continuará! Rasgam-se fotografias quando a vontade era apunhalar pessoas. A vidente má pega em agulhas e pica, pica, pica o corpo todo, os olhos, a boca da pessoa que deseja ser amaldiçoada! Queima-se a bandeira, na vontade de aniquilar o inimigo...

Cedo os arqueólogos se aperceberam que as estátuas romanas sem cabeça haviam sido obra dos primeiros cristãos, na convicção de que, desta sorte, escamoteavam o culto às divindades ali representadas. O movimento iconoclasta alicerçou-se mesmo numa doutrina e provocou estragos enormes em obras de arte hoje irreparáveis. Também Maomé teve receio de que os seus seguidores se embeicassem com alguma escultura (lembrar-se-ia, quicá, da história do bezerro de ouro da Bíblia...) e determinou que, sim, podia haver imagens, mas geométricas, folhas e flores estilizadas, num regresso à Natureza e repúdio da sempre perigosa pessoa humana, libidinosa fonte a esconjurar. E surgiram os arabescos, que, do ponto de vista estético, até podem considerar-se um hino à Natureza.

Não se meteram os homens do Renascimento contra os ícones bizantinos, inclusive porque estes, de doirado requinte, eram figuras planas, hieráticas, e até apetecia acender-lhes uma velinha, por mais fininha que fosse. Enveredaram, ao invés, pelo mundo grego, pelo enaltecimento da estatuária rica e abertamente antropocêntrica dos helénicos. Que corpos aqueles, desnudados, quais atletas e deuses, dignos de figurar num altar!...

Bem, dependia do altar. Porque, se fosse de católicos à séria, era preciso tapar as partes, nem que fosse com uma folhinha de parra ou um véu menos transparente. Dizem-me que isso aconteceu no tecto da Capela Sistina: na cena da criação do Homem a quem Deus Pai toca com um dedo, o Homem estava mesmo nuzinho e foi preciso disfarçar aquela parte para, mui largas décadas depois, vir alguém e ordenar que era mesmo assim, integral, que Miguel Ângelo o pintara e assim tinha que ser.

O caso do tapa / destapa voltou à baila – pasme-se! – neste dealbar do Ano da Graça de dois mil e vinte e três, porque uma professora, em aula sobre Arte, mostrou nuzinhos, como ele estão, o *David*, de Miguel Ângelo, ou o *Discóbolo*, de Míron, e teve sanção disciplinar. Faz-me lembrar o dia em que, vim a saber mais tarde, uma família tirara o garoto do colégio, porque eu, professor de Português, estava a querer explicar tintim por tintim *As Aventuras de João sem Medo*, de José Gomes Ferreira, e aquilo era revolucionário de mais!

Não divinizámos Mary Quant – que recentemente nos deixou –, mas agradecemos-lhe, tanto homens como mulheres, por sugerir que todos fôssemos presenteados, como o eram os Gregos antigos, pela bonita presença de uma senhora de corpo airoso. Ocidentais que somos, aceitamos com alguma dificuldade que noutras regiões do planeta se tenha de andar tapado da cabeça até aos pés. É um iconoclasmo ao contrário!...

Dinheiro *versus* cultura

Sinto que já me estão a acenar para mudar de assunto e eu mudo. Para as gravuras de Foz Côa, pode ser? Também lá existem representações humanas e os animais estão despidos, com tudo o que lhes pertence, como, na Pré-História, a Vénus de Willendorf (ou seria uma deusa-mãe?). Lá se conseguiram salvar esses traços há milénios deixados pelo Homem naqueles inóspitos rochedos. Mas que luta foi preciso travar, Amigos! Aqui, a iconoclasia não

**“Palavra estranha, esta, iconoclasta!
[...] Essa vontade de destruição de algo que
não nos agrada ou consideramos pernicioso
acompanhou sempre o género humano.
Quando, agora, querem derrubar estátuas,
pensando que estão a inovar, a cometer
inaudita façanha, esqueçam! Isso já vem de
longe e bem continua – e continuará!”**



JOSÉ LUÍS MADEIRA - 2023

Ilustração: José Luís Madeira, 2023.

invocava a Moral nem os Bons Costumes nem crenças religiosas. A crença era outra, bem mais poderosa e letal: o Dinheiro, a Economia! Pois. Antes da expressão – viral, como hoje se diz!... – “*É a economia, estúpido!*”, consagrada, em 1992, por James Carville, no decorrer da campanha presidencial de Bill Clinton contra George H. Bush.

No caso da barragem de Vale do Côa, a Cultura ganhou e saboreámos a vitória, ainda que, mesmo agora, haja quem vitupere os desgramados arqueólogos que gritavam “*As gravuras não sabem nadar!*”. Também gritamos contra as destruições de monumentos classificados, obras-primas do génio humano, que, um pouco por toda a parte, em Palmira, por exemplo, esta III Guerra Mundial está a concretizar, sem tir-te nem guar-te. E, pecador me confesso, estou muito contente por me ser dado apreciar no Museu Pergamon, em Berlim, a Porta de Istar, da Babilónia, que veio encaixotada lá desses confins hoje em destruição; ou tirar, no Metropolitan Museum of Art, uma fotografia junto ao Templo de Dendur, salvo da barragem de Assuão.

Difíceis batalhas tem o arqueólogo pela frente. Acolá, no decorrer da escavação de uma *villa* romana, o director – vidrado na época dos imperadores – dá ordem para nada se aproveitar dos níveis que documentam o período em que os frades por ali estanciam. Já aqui escera se vierem a encontrar-se níveis pré-romanos, porque, esses, demonstram que o Povo Romano era condescendente e até nem destruiu muito o que já lá estava, acomodou-se.

Aqui, mais perto do nosso quotidiano, sob as estruturas cristãs da Sé de Lisboa, encontraram-se os níveis da época muçulmana, a provar aquilo que já se sabe desde há muito: Sintra é Sintra porque ali há um génio; o Cabo da Roca é centro de peregrinação de *motards*, porque ali há o génio do dia todo e não apenas do magnífico pôr-do-sol; a Sé Catedral de Lisboa implantou-se onde estava a mesquita, a mesquita ocupou o lugar do templo romano ao culto imperial... Há ali um Génio, senhores, um inexplicável ar de transcendência, como Miguel Torga sentia sempre que visitava Panóias: “*Panóias, 6 de Outubro de 1951 – Volto a este livro de pedras, onde o passado deixou gravadas as suas devoções. Estou nisto: coisas que falem, que respondam. Marcos, estelas ou fragas com inscrições, mesmo delidadas, onde a gente soletre uma intenção, um protesto, um voto. [...] Paisagem com voz, que dialogue*” (*Diário VI*, 1953: 127)...

O pior é que transcendências não enchem os bolsos e nem todos compreendem a atitude dos proprietários do Hotel Áurea Museum, quando se sentaram à mesa com arqueólogos e arquitectos e casaram

“Difíceis batalhas tem o arqueólogo pela frente. [...] O pior é que transcendências não enchem os bolsos e nem todos compreendem a atitude [dos que] se sentaram à mesa com arqueólogos e arquitectos e casaram Economia com Cultura. [Para outros,] iconoclasta é assim mesmo: é para destruir, destrói-se! E lá vem depois o James Carville: «É a Economia, estúpido!»”

Economia com Cultura. No caso da Sé, não. Nem os arquitectos nem os donos da obra! É de avançar e avança-se! Olhem que pode estar lá o Génio da mesquita e lançar tudo a perder! Não ouviram o clangor dos arqueólogos? Não ouviram. Iconoclasta é assim mesmo: é para destruir, destrói-se! E lá vem depois o James Carville: “*É a Economia, estúpido!*”.

– Mas tudo se salvou pelo registo, Amigo! Salvou-se tudo!

– Bem no sei. Também tudo se salvou daquela cena de pancadaria, com facadas e tudo. Vêem-se os pormenores no vídeo das redes sociais.

Mas... o jovem morreu!

José d'Encarnação,

Cascais, 4 de Maio de 2023